

Texto retrata um momento que já passou

Fernando Dantas
de Londres

Credibilidade, para quem a perde, pode ser um negócio muito irritante. Como em um dique fissurando por todos os lados, enquanto esfalfa-se para tapar uma rachadura aqui, surge mais meia-dúzia de buracos acolá. O caso brasileiro é exemplar. Depois dos erros e vacilações iniciais, o governo parece ter acertado o passo no enfrentamento da crise, mas "flashes" do pior momento continuam a ser distribuídos ao público pela imprensa global.

Por mais que a tosquia em nossas economias e salários nos predisponha a encarar qualquer iniciativa atual do governo FHC com o mais profundo ceticismo, é certo que o último "road-show" internacional do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do presidente do Banco Central (BC), Arminio Fraga, foi bem-sucedido. Os bancos internacionais prometeram não puxar o tapete além do já perpetrado — uma vitória não desprezível na esteira de um "overshooting" até R\$ 2,27 por dólar. No cenário doméstico, a moeda americana recuou, perdeu volatilidade e os índices de inflação estão se comportando melhor que as mais

otimistas expectativas das últimas semanas.

A calma em meio à tempestade foi registrada, com todos os "poréns, todavias e contudos" habituais, por alguns dos órgãos de imprensa que influenciam os donos do dinheiro do mundo, como The Economist, The Wall Street Journal e (menos claramente) Financial Times. A reportagem da Business Week publicada nestas páginas, por

outro lado, agita-se em um compasso diferenciado. Ou registra a notícia velha da pior hora, já superada, da crise, ou, profeticamente, antecipa novo agravamento. O fato é que o grosso dos

analistas sérios do Brasil não prevê taxas de inflação anual de 50% a 60%, nem teme pelo abandono, por parte do presidente, do compromisso com a economia de mercado.

A reportagem fala na possibilidade de o Brasil dar um calote na sua dívida interna, que ainda está na pauta de preocupações da maior parte dos observadores estrangeiros. A sutileza não mencionada, en-

tretanto, é que altíssimas, no momento, são as taxas de juros nominais, e não reais. Desta forma, é possível que a relação dívida interna/PIB nem esteja crescendo — em outras palavras, o risco de calote não está subindo junto com o aumento nominal das taxas, como parece sugerir a Business Week.

As preocupações da revista com indexação, volta da ciranda financeira, recessão, desemprego e pro-

blemas no Mercosul estão bem calibradas. Mas a dimensão é exagerada. A inflação anualizada sugerida em 53% leva em

conta o índice de fevereiro, que reflete o primeiro impacto da desvalorização na remarcação de preços. Para março, a previsão de inflação já está sendo revista para baixo. Eliana Cardoso, principal economista do Banco Mundial para a América Latina, acredita que dado a baixíssima taxa de inflação brasileira em 1998, mesmo a indexação mais desbragada não provocará uma alta descontrolada dos preços.

Os repórteres da Business Week obtiveram declarações lúgubres de empresários de cabelo em pé com a turbulência, e naturalmente preocupados com a inevitável recessão. O adiamento de decisões, como no caso da Polibrasil, é provavelmente um comportamento disseminado, e vai cobrar um preço em termos de crescimento econômico. Mas o fato de uma empresa, como a Sadia Concórdia, declarar que vai aumentar preços, não é necessariamente sinônimo de inflação campeando. Aumentar é uma coisa, vender é outra, como alguns índices de inflação já vêm mostrando.

Para o governo, de qualquer forma, deve ser doloroso perceber que não existe marketing suficiente para impedir, mesmo quando o jogo vira a seu favor, o surgimento de novos e inesperados rombos no poído tecido da credibilidade externa brasileira, como a reportagem da Business Week. Mas há um aspecto salutar no bombardeio à nossa imagem: evitar a sempre perigosa tendência à soberba da equipe econômica. Neste particular, Fraga deveria ler todas as reportagens negativas sobre o Brasil cada dia antes de dormir, para evitar que o sucesso inicial lhe suba a cabeça.

**Neste momento,
os analistas sérios
do Brasil não
prevêem taxas
de inflação anual
de 50% a 60%**